

Análise Fonológica do Infinitivo na Fala de Porto Alegre

Silvia Renata Bertani¹

1. - INTRODUÇÃO

1.1 - Tema:

O presente trabalho pesquisa o apagamento ou a retenção da vibrante final /R/ dos verbos no infinitivo impessoal da Língua Portuguesa.

1.2 - Justificativa:

A consecução deste estudo advém da necessidade de sabermos como os falantes da nossa língua, em seu estágio atual, estão formando o verbo no infinitivo.

¹ Mestranda em fase de defesa da Dissertação em Lingüística Aplicada, na UFRGS.

1.3 - *Objetivos:*

Este estudo tenta dar uma visão de como o fenômeno em questão está se apresentando na língua falada, na cidade de Porto Alegre, ao relacionar fatores lingüísticos e extra-lingüísticos que possam condicioná-lo.

1.4 - *Hipóteses:*

Esta investigação sobre o infinitivo partiu de algumas indagações básicas:

- Os falantes do Português pronunciam ou não o /R/ final nos verbos infinitivos?
- Quais fatores favorecem o apagamento deste segmento?
- Quais fatores desfavorecem o apagamento da vibrante final?
- A partir destas questões mais gerais, foram levantadas hipóteses sobre o fenômeno.

Primeiramente, delinearemos as expectativas quanto às variáveis lingüísticas.

O primeiro fator lingüístico considerado foi o número de sílabas do verbo. Era esperado que os verbos monossílabos retivessem a vibrante final em maior proporção do que os verbos não-monossílabos. Esta expectativa baseava-se em duas hipóteses. A primeira suposição era de que a perda de um fonema em um verbo de uma só sílaba poderia comprometer o seu significado. A segunda hipótese era de que verbos monossílabos poderiam se juntar como proclíticos ao item lexical seguinte. Neste caso, a vibrante passaria a funcionar como segmento fônico no interior de um vocábulo e não mais como segmento final de verbo.

A segunda questão que poderia influenciar o fenômeno seria o contexto fonológico seguinte: pausa, vogal ou consoante.

Esperava-se que a vogal favorecesse a retenção do /R/, baseando-se na tendência geral das línguas em manter a estrutura CV.

O terceiro fator que nos pareceu importante foi a estrutura sintática na qual o infinitivo estaria inserido, tendo em vista o grau de redundância do /R/ em termos informativos. Era esperado que, quando o infinitivo fizesse parte de uma locução verbal, o /R/ tivesse maiores chances de ser apagado, visto que sua presença era bastante previsível naquela posição, configurando redundância de informação. Em outras estruturas quaisquer, a expectativa era de que o /R/ fosse retido em índices maiores.

O quarto fator que mereceu atenção foi a presença da vogal temática do verbo. Pensou-se que a presença da vogal temática quando o verbo estivesse no infinitivo pudesse condicionar o apagamento da vibrante.

Tínhamos expectativas também em relação aos fatores sociais: sexo, escolaridade e idade. Por pensarmos que estávamos diante de uma forma inovadora na língua, esperávamos que as mulheres e os jovens apagassem mais o /R/, visto que esses dois segmentos da sociedade usam com maior frequência a forma inovadora. Quanto à escolaridade, era esperado que as pessoas com maior nível de escolarização apagassem menos a vibrante final, uma vez que pensávamos tratar-se de uma forma estigmatizada (sem o /R/).

Os fatores acima mencionados serão explicados detalhadamente no decorrer do trabalho

Este estudo será delineado a partir da seguinte estrutura: fundamentação teórica, metodologia, análise dos resultados e conclusões.

2. - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O estudo procura investigar a variação entre a retenção e o apagamento da vibrante final dos verbos infinitivos no sistema verbal do português, levando em consideração o fato de que uma alternância entre uma forma e outra se dá de maneira ordenada e direcionada, condicionada por fatores lingüísticos e extra-lingüísticos.

Este estudo insere-se nos moldes de abordagem da teoria da variação. Os pressupostos fundamentais desta teoria são formulados por Labov. Votve resume estes pressupostos da seguinte maneira:

" 1) a variação é uma propriedade regular; é inerente ao sistema,

2) a regra variável é uma regra de produção: o desempenho é afetado por restrições variáveis, ele é função da proporção de casos em que a regra se aplica, em relação ao total de ocorrências em questão;

3) cada restrição variável contribui autonomamente para a probabilidade de operação da regra (o que se constitui numa justificativa forte para as operações que reúnem regras particulares num esquema geral),

4) as quantidades numéricas representam abstrações analíticas de tendências que podem variar um pouco dia a dia, ou de falante a falante, mas são tendências reais" (Votve, 1978: 28-29).

Através desta teoria, esboçada acima, temos condições de apontar as tendências que a língua segue em seus diversos níveis: fonológico, morfológico, sintático, etc. Esta pesquisa tenta investigar como se dá a formação do infinitivo na língua portuguesa. Temos duas maneiras hipotéticas:

1) radial + vogal temática + desinência /R/

2) radical + vogal temática com tonicidade

Uma vez "que a perda do /R/ não é categórica" (Votve, 1972: 42), tínhamos condições de pensar que o português poderia estar passando da fórmula 1 para a fórmula 2 na formação do infinitivo.

Havendo esta variação, restava saber qual das duas variantes possuía maior uso.

Além disso, precisávamos saber que contextos favoreceriam o uso desta ou daquela forma. Para isto, selecionamos fatores lingüísticos e extra-lingüísticos que pudessem condicionar o fenômeno. Os fatores selecionados para esta pesquisa basearam-se no trabalho realizado por Sebastião Votre sobre a perda da vibrante final em todos os vocábulos, na fala do Rio de Janeiro.

As variáveis lingüísticas consideradas importantes para os fins deste estudo foram as seguintes:

1) *Verbo monossilábico ou não-monossilábico.*

Ao escolher esta variável, tínhamos em mente que a perda do /R/ em verbos monossilábicos poderia comprometer o seu significado. Conforme Votre, "... sendo monossilábicos, os vocábulos tenderiam a preservar sua plenitude fônica por razões de natureza informativa ..." (Votre, 1978: 43). Outra possibilidade é a de que verbos monossilábicos poderiam juntar-se como proclíticos ao vocábulo seguinte. Nessa perspectiva, o /R/ não estaria no final do verbo, mas no interior de um vocábulo, sendo apagado em menores taxas.

2) *Contexto fonológico seguinte.*

Esta variável foi incluída na análise por termos encontrado referência a ela na literatura. Mário Marroquin, em seu estudo no nordeste, constata que o /R/ se suprime "invariavelmente, na fala do povo; e mesmo na linguagem espontânea da gente culta, quando segue uma palavra iniciada por consoante" (Marroquin, apud Votre, 1987: 40). Entenda-se que o que precede é o /R/ e o que segue é a consoante. Em contrapartida, a vogal, após a vibrante final, parecia ter papel importante na preservação do /R/, visto que poderia haver uma reestruturação da sílaba. Como atesta Votre:

"O suporte teórico-empírico para tal expectativa era o de que a presença de vogal no contexto fonológico seguinte propiciasse a reorganização da estrutura silábica, produzindo-se sílaba aberta, e passando a vibrante, de travadora final da sílaba, a segmento inicial de nova sílaba, segundo se representa no próximo esquema:

© VC / V (C) => (C) VCV (C)

dar isto => da risto" (Votre, 1978: 54).

Este fator foi controlado dividindo-se os contextos fonológicos seguintes em três grupos: pausa, vogal e consoante.

3) *Estrutura sintática.*

Apoiados por uma visão funcionalista, pensamos que a presença de um verbo infinitivo em uma locução verbal fosse bastante previsível, e, assim, o /R/ teria sua função informativa bastante reduzida nesta estrutura determinada, havendo maiores chances de ser apagado. A variável foi composta de duas possibilidades: infinitivo fazendo parte de uma locução verbal ou inserido em outras estruturas quaisquer da língua.

4) *Vogal temática.*

O controle desta variável baseia-se na suposição de que a presença da vogal temática no verbo na forma infinitiva pudesse ser um fator que permitisse o apagamento do /R/. O verbo 'pôr' configura uma exceção pois a vogal temática não aparece na forma do infinitivo. Como esclarece Mattoso Câmara:

"Irregularidade digna de nota é a do verbo pôr, e seus compostos, sem a vogal temática no infinitivo (isto é: pô + r), em contraste com a presença da vogal temática - e -em formas como - pusera, pusesse etc.), o (sic) que levou alguns gramáticos a considerarem uma 4ª conjugação mediante uma análise falsa do infinitivo (a saber p + ôr). As três conjugações

portuguesas são as que os gramáticos romanos consideravam, respectivamente, como a 1^a (ex.: cantare), a 2^a (ex.: timere, com penúltimo e longo) e a 4^a (ex.: partire), a que eles consideravam como a 3^a, com flexão atemática (ex.: capere, fugere, com o penúltimo e breve, o qual é uma vogal de ligação entre a consoante final da radical e o sufixo flexional -re), desapareceu no romance ibérico, com a remodelação das formas por analogia (v), donde os verbos ficarem na 2^a ou na 4^a conjugação: *capere > capere com o penúltimo e longo, fugere > fugire" (Mattoso Câmara, 1986: 80).

A partir desta diferença entre o verbo 'pôr' e os demais verbos quanto à vogal temática, foram efetuadas algumas investigações que serão relatadas posteriormente.

5) *Sexo.*

Conforme Labov (apud Guy, 1986: 32), "tem sido observado que freqüentemente as mulheres estão na vanguarda da mudança lingüística". Guy (1986: 32) afirma que as mulheres usam a forma nova mais do que os homens na população em geral. Se as mulheres usassem mais a forma sem o /R/, poderíamos supor que estaríamos diante de uma forma inovadora na língua.

6) *Escolaridade.*

Uma vez "que a apócope do /R/ é estigmatizada pela gramática standard" (Votre, 1978: 42), o estabelecimento desta variável poderia indicar a estratificação do uso da forma inovadora com o grau de escolaridade.

7) *Idade.*

Conforme Guy (1986: 30), a dimensão social mais importante no estudo de mudanças na língua é a idade, que costuma apresentar graus de estratificação - pessoas jovens usam mais a forma inovadora do que as pessoas velhas.

As variáveis acima selecionadas foram consideradas importantes para este trabalho, mas outras ainda poderiam ser arroladas.

3. METODOLOGIA

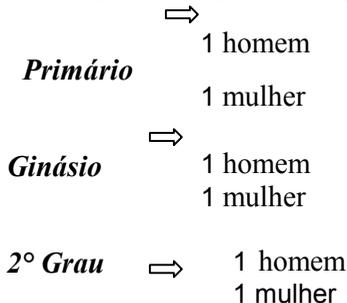
3.1 - *Corpus*:

O corpus deste trabalho é composto por gravações transcritas de entrevistas feitas nos moldes da Sociolinguística. A saber, uma entrevista sociolinguística é executada da seguinte maneira: o entrevistador dirige a conversa através de alguns tópicos gerais (comuns a todas as entrevistas), sobre os quais o informante fala, com a mínima interferência do entrevistador, em estilo semi-formal. Cada entrevista tem a duração de aproximadamente 1 hora. O corpus utilizado para este trabalho faz parte do banco de dados do Projeto VARSUL

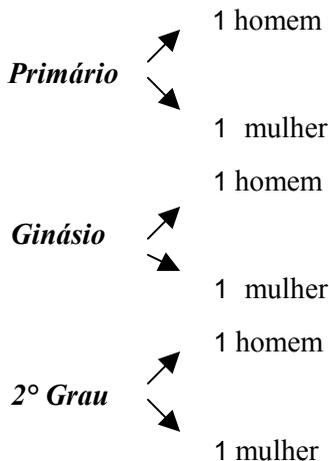
3.2. *Sujeitos:*

Os informantes são em número de doze, monolíngües e residentes em Porto Alegre durante a maior parte de suas vidas. Sua distribuição se dá conforme o seguinte esquema:

- 6 informantes com a idade variando entre 25 e 49 anos



- 6 informantes com a idade com mais de 50 anos



3.3 - *Sistema de codificação de dados:*

Os dados da pesquisa foram coletados levando em consideração os seguintes critérios:

- 1) os verbos teriam que estar na sua forma infinitiva,

2) os verbos precisariam ter as vogais temáticas (a, e, i,) presentes. O verbo 'pôr' e seus derivados foram excluídos;

3) formas verbais no subjuntivo foram igualmente excluídas.

A partir destes critérios, os dados foram codificados com a utilização dos seguintes símbolos:

Variável dependente:

0 - representa que o */R/* foi pronunciado na posição final do verbo;

1 - representa que o */R/* não foi pronunciado na posição final do verbo.

Estrutura silábica do verbo:

M - significa que o verbo é monossilábico;

N - significa que o verbo não é monossilábico.

Contexto fonológico seguinte:

P - significa que o contexto fonológico seguinte é representado por uma pausa;

C - significa que o segmento posterior ao verbo é uma consoante;

V - significa que contexto fonológico posterior ao verbo é representado por uma vogal.

Estrutura sintática:

J - significa que o verbo infinitivo faz parte de uma locução verbal;

0 - significa que o verbo infinitivo está inserido em outras estruturas quaisquer da língua.

Vogal temática:

A - significa que o verbo pertence à 1ª conjugação;

E - significa que o verbo pertence à 2ª conjugação;

I - significa que o verbo pertence à 3ª conjugação.

Sexo:

H - significa que o informante pertence ao sexo masculino,

F - significa que o informante pertence ao sexo feminino.

Escolaridade:

4 - o informante possui até 4 anos de escolaridade, corresponde aproximadamente ao primário;

5 - o informante possui de 5 a 8 anos de escolaridade, corresponde aproximadamente ao ginásio;

9 - o informante possui 9 ou mais anos de escolaridade, corresponde ao Segundo Grau.

Idade:

- - significa que o informante está na faixa etária entre 25 e 49 anos;

+ - significa que o informante tem mais de 50 anos de idade.

3.4 Tratamento estatístico:

Os dados, depois de serem devidamente coletados e codificados, foram rodados no pacote estatístico VARBRUL. O VARBRUL é descrito por Guy como se segue:

"The heart of a variable rule analysis is the estimation of the constraint effects and their significance. This involves calculating a factor value for each factor in the analysis, which is a number between zero and one that indicates to what extent and in what direction the factor affects the rate of application of the rule. These values pattern as follows: a value above .5 is a factor which favors the application of the rule, while a value below .5 indicates a factor which has essentially no effects on the rule. Furthermore, a value, approaching 0 indicates that the relevant rule (or choice) never applies in the environment of that factor ('a negative knockout'), and a value approaching 1 indicates that the rule always applies in the environment of that factor ('a positive knockout')."

The factor values are calculated by the Varbrul program developed by Sankoff and Rousseau (Cedergren & Sankoff, 1974, Rousseau & Sankoff, 1978). This program utilizes an algorithm based on the 'maximum likelihood' procedure for estimating constraint effects. Several mathematical models have been proposed for relating the observed frequencies to the calculated factor in this field is the 'logistic' model. It may be summarized in the following formula (where P_i represents the factor value associated with factor i , P_0 represents an overall 'input probability' which sets the general level of the rule application, and $P_{ijk\dots}$ represents the probability of the rule application in the environment of factors i,j,k,\dots):

$$P_{ijk\dots}/(1-P_{ijk\dots}) = P_0/(-P_0) \times P_i/(1-P_i) \times P_j/(1-P_j) \times \dots$$

To do a Varbrul calculation, one prepares an input cell file - in the effect a table showing all the possible combinations of factors for which data were found, and for each of these cells, a fraction showing the number of realizations of the variant designated as indicating a 'rule application' against the total number of tokens (showing any variant) observed in the context (...) Any one of the several versions of Varbrul can then compute from such a file unique and replicable set of factor values showing estimates of the independent effects of all the factors used in the analysis" (Guy, *The quantitative analysis of linguistic variations*, 1993: 244-245).

Para esta pesquisa, foi efetuada uma rodada no Varbrul, com 'step up' e 'step down'. Na rodada com 'step up', o programa começa a combinação das variáveis com duas e vai acrescentando uma de cada vez, até ficarem todas juntas. Já na rodada com 'step down', o programa faz o contrário, começa com todas as variáveis juntas e vai excluindo uma por uma. Os resultados que serão apresentados nas tabelas fazem parte do nível 7 do 'step down', com todas as variáveis juntas.

4. - ANÁLISE DOS RESULTADOS:

Com os resultados fornecidos pelo pacote estatístico VARBRUL, pôde-se observar algumas tendências com relação ao fenômeno em questão. Foram codificados 2.368 dados, nos quais /R/ foi apagado 97% das vezes. As tabelas serão apresentadas com cada fator. A aplicação da regra foi o apagamento do /R/.

Primeiramente, analisaremos as quatro variáveis lingüísticas:

Tabela 1 - RELAÇÃO ENTRE O APAGAMENTO DO /R/ E A ESTRUTURA SILÁBICA DO VERBO:

	N	%	P
<i>Verbo monossilábico</i>	503/525	96	.43
<i>Verbo não-monossilábico</i>	1794/1843	97	.52

Apesar de haver pouca polarização nos dados quanto a este fator, parece que os verbos monossilábicos permitem o apagamento do /R/ em menor proporção do que os verbos não-monossilábicos. A primeira hipótese para explicar esta tendência seria o comprometimento do significado pela perda de um fonema. A segunda hipótese capaz de explicar os dados baseia-se no que Votre (1978: 43) esclarece sobre isto:

"... esperávamos que monossílabos favorecessem a preservação da vibrante final em maior proporção do que dissílabos, trissílabos e polissílabos, por se adjungirem como proclíticos ao item lexical seguinte, resultando um vocábulo fonológico em que, do ponto de vista fonético, a vibrante passasse a funcionar como segmento fônico no interior do vocábulo, e não mais como segmento final de vocábulo..."

Parece que as duas hipóteses concorrem para a maior preservação do /R/ em verbos monossilábicos do que em verbos não monossílabos.

Tabela 2 - RELAÇÃO ENTRE O APAGAMENTO DO /R/ E O CONTEXTO FONOLÓGICO SEGUINTE:

	N	%	P
<i>Vogal</i>	793/809	98	.59
<i>Consoante</i>	1001/1035	97	.46
<i>Pausa</i>	502/523	96	.43

Através da tabela 2, pode-se perceber que a vogal, como contexto fonológico seguinte, parece favorecer o apagamento do /R/ em maior proporção do que segmentos consonantais e pausa, contrariando a expectativa de que pudesse haver uma reestruturação silábica, conforme descrita anteriormente. No trabalho de Votre, no qual a vogal também aparece como fator que propicia maior apagamento do /R/ do que segmentos não-vocálicos, é proposta uma substituição da hipótese da reestruturação silábica, conforme segue:

"... a hipótese de uma suposta tendência de sílabas travadas por vibrante substitui-se por hipótese de mais amplo aspecto, admitindo-se que o caminho natural para a transformação dessas sílabas em abertas é a supressão, pura e simples, do segmento travador" (Votre, 1978: 191).

Assim, parece que as línguas em geral, propensas a transformarem as sílabas travadas de seus vocábulos em abertas, usam um mecanismo abrangente: suprimem o elemento travador da sílaba.

Tabela 3 - RELAÇÃO ENTRE O APAGAMENTO DO /R/ E A INSERÇÃO DO VERBO INFINITIVO EM UMA ESTRUTURA SINTÁTICA

	N	%	P
<i>Locação verbal</i>	1440/1482	97	.53
<i>Outras estruturas quaisquer</i>	857/886	97	.46

A tabela 3 parece delinear a tendência de que o /R/ pode ser apagado com maior probabilidade em ambientes lingüísticos onde sua presença seja previsível, conforme a visão funcionalista de que segmentos que são inúteis podem se perder mais facilmente do que os segmentos que têm uma função em qualquer nível da língua.

Tabela 4 - RELAÇÃO ENTRE O APAGAMENTO DO/R/EA VOGAL TEMÁTICA DO VERBO:

	N	%	P
<i>Vogal temática A</i>	1173/1200	98	.53
<i>Vogal temática E</i>	854/890	96	.45
<i>Vogal temática I</i>	270/278	97	.50

Os verbos com a presença da vogal temática no infinitivo apresentaram altas porcentagens de apagamento de /R/. Como já mencionado na fundamentação teórica, foram feitas investigações sobre o verbo 'pôr' e seus derivados. Foi efetuada uma coleta de dados em 24 entrevistas (cidade de Porto Alegre) do banco de dados VARSUL. Encontramos cinco ocorrências no total, mais precisamente: 1 ocorrência do verbo 'pôr' e 4 ocorrências envolvendo seus derivados. Os períodos que contêm as cinco ocorrências do verbo em questão serão transcritos a seguir:

Ocorrência nº 1:

"E, deveria **pôr** mais lâmpadas do lado seguinte".

(entrevista nº 3, informante do sexo masculino, faixa etária entre 25 e 49 anos, escolaridade: primário)

Ocorrência nº 2:

"Digamos que eu fosse no dia de hoje, dependendo do horário, vamos **supor**, eles encerraram às seis horas, a gente ligava às quatro".

(entrevista nº 3)

Ocorrência nº 3:

"E verdade mesmo, vocês, conta, conta com vocês, andem na avenida, tá, de ponta a ponta, vamos **supor**, do começo da Bento Gonçalves até o Carrefour e, de, digam pra mim depois se eu não tenho razão"

(entrevista nº 3)

Ocorrência nº 4:

"BTN, quer dizer, tu começa pagando, vamos **supor**, mil cruzeiros agora, né? Daqui a dois meses tu já estás pagando dois e meio, quer dizer, é difícil pra ti pagares, principalmente que tem outras coisas pra ti fazeres, né?"

(entrevista nº 12, informante do sexo feminino, faixa etária entre 25 e 49 anos, escolaridade: primário)

Ocorrência nº 5:

"E sempre uma pessoa liga pra saber, né? Alguma coisa da comunidade, ou a respeito de, sei lá, de um terreno baldio que está aberto e que estão colocando lixo, até a parte comunitária é uma parte assim muito sensível, porque de repente tu vais trabalhar, por exemplo, tem um terreno que está baldio, mas tu não queres te **indispor** com o proprietário, porque aqui existem centenas de, de, de, de terrenos que não têm, os proprietários têm só por ter, né? Pra mais tarde fazer um dinheiro, que é um dinheiro certo".

(entrevista nº 22, informante do sexo feminino, faixa etária entre 25 e 49 anos, escolaridade: 2º grau)

Nessas ocorrências o /R/ foi mantido categoricamente no verbo 'pôr' e seus derivados. No entanto, verbos que possuem a vogal temática no infinitivo permitem, em altos índices percentuais, o apagamento do /R/. Pode-se pensar que o fator está atuando nesta diferenciação quanto à possibilidade de perder a vibrante final é a presença ou não da vogal temática. Resumindo, a hipótese é a de que o falante dispõe da opção de apagamento do /R/ quando a vogal temática está presente no infinitivo. Devido ao número reduzido de dados do verbo 'pôr' e seus derivados, colocamos esta questão somente em termos de suposições teóricas.

As variáveis lingüísticas, como se pôde observar nas tabelas, não apresentaram resultados polarizados e o programa estatístico não

apontou nenhuma delas como significativa. Com isso, pode-se supor que o fenômeno do apagamento do /r/ esteja tão instalado no Português, que não se pode mais atrelá-lo a explicações na língua. Após a análise das variáveis linguísticas, passaremos a abordar as variáveis sociais.

Tabela 5 - RELAÇÃO ENTRE O APAGAMENTO DO/R/EA VARIÁVEL SEXO

	N	%	P
<i>Homens</i>	1074/1112	97	.44
<i>Mulheres</i>	1223/1256	97	.55

A tabela 5 indica que as mulheres apagam o /R/ em maior proporção do que os homens o fazem. Parece que os dados desta amostra delineiam a mesma tendência que outros trabalhos sociolinguísticos apontam: as mulheres usam com maior frequência a forma inovadora do que os homens e lideram mudanças na língua. Por meio desses dados, pode-se supor quer a forma sem o /R/ seja inovadora. Mas a variável sexo não é suficiente para que se possam fazer afirmações categóricas com relação a mudanças na língua.

Tabela 6 - RELAÇÃO ENTRE O APAGAMENTO DO/R/EA ESCOLARIDADE

	N	%	P
<i>Primário</i>	800/846	99	31
<i>Ginásio</i>	682/698	98	.57
<i>Segundo Grau</i>	815/824	99	.64

A variável escolaridade apresentou uma razoável polarização entre seus elementos. A suposição que a forma sem o /R/ fosse estigmatizada e, portanto, evitada por pessoas de maior nível de escolaridade não foi confirmada. Ao contrário, as pessoas com nível de escolaridade mais alto são as que mais apagam o /R/, nesta amostra. Poderíamos pensar, com base nisso, que a forma inovadora não é estigmatizada na forma falada da língua, pelo menos em estilo semi-formal.

Tabela 7 - RELAÇÃO ENTRE O APAGAMENTO DO /R/ E A IDADE

	N	%	P
<i>25 a 49 anos</i>	1437/1451	99	.67
<i>+ de 50 anos</i>	860/917	94	.24

A variável idade apresentou resultados significativos. Parece que estamos diante de uma forma inovadora, uma vez que há uma estratificação etária em 'tempo aparente' (Labov, 1966, apud Guy, 1986: 24), isto é, as pessoas mais jovens estão usando em maior proporção o verbo infinitivo sem a presença do /R/ do que as pessoas mais velhas. A variável idade pode nos fornecer pistas bastante consistentes sobre a possibilidade de estar havendo uma mudança na língua e para que direção ela se encaminha.

As variáveis sociais que foram apontadas como significativas pelo programa estatístico usado foram a idade e a escolaridade.

5. CONCLUSÕES

Ao analisarmos um conjunto de variáveis lingüísticas e extra-lingüísticas relacionadas com a perda do /R/ final de verbos no infinitivo impessoal da Língua Portuguesa, pudemos observar que a variação entre o apagamento e retenção do segmento /R/ é quase inexistente na língua falada, em seu estágio atual.

Com relação às variáveis lingüísticas, que não se mostraram significativas, pode-se dizer que o fenômeno do apagamento do /R/ já está tão disseminado na língua que não se encontram mais fatores que possam condicioná-lo linguisticamente.

Quanto às variáveis sociais, a polarização alcançada na variável idade é um indicativo de que, talvez, possamos estar diante de uma mudança em sua fase final: as pessoas mais jovens usando a vibrante final em maiores proporções do que as pessoas mais velhas.

Este trabalho apresenta algumas limitações, uma vez que não conta com dados de adolescentes, nem de analfabetos, dados esses que poderiam delinear melhor as variáveis que foram consideradas significativas pelo programa estatístico: idade e escolaridade. Além disso, seria necessário comparar os resultados dos dados sobre a perda do /R/ em diversos estilos: formal, informal, etc.

A partir deste trabalho, pode haver uma ampliação posterior, incluindo dados do verbo 'pôr' e seus derivados a fim de podermos apontar tendências, com bases empíricas, sobre a hipótese da presença da vogal temática como fator condicionador do fenômeno.

Referências Bibliográficas

CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. *Dicionário de Lingüística e Gramática*, 16² ed., Vozes, Petrópolis, 1992.

GUY, Gregory R. et al. *Na International chance in progress in Autralian English*. Language in Society, Sidney, n. 15, p. 23-52, 1986.

The quantitative analysis of linguistic variations. American Dialect Research, Philadelphia, 1993

VOTRE, Sebastião Josué. *Aspectos da variação fonológica na fala do Rio de Janeiro*. Rio de janeiro: PUC/RJ, 1978. Tese, Departamento de Letras, Pontificia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1987.

